

## CAPÍTULO 3

### **A CIÊNCIA EM BUSCA DE SOLUÇÕES**

*“A história das ciências não tem a simplicidade atribuída à evolução biológica no sentido da especialização; é uma história mais sutil, mais retorcida, mais surpreendente. É sempre suscetível de voltar atrás, de encontrar, no seio de uma paisagem intelectual transformada, questões esquecidas, de desfazer as compartimentalizações por ela constituídas e, sobretudo, de ultrapassar os preconceitos mais profundamente enraizados, mesmo os que parecem ser-lhes constitutivos.”*

*ILYA PRIGONE & ISABELLE STENGERS*

*“Um dos problemas de nossa época é posto por esse conjunto de concepções que reforçam o isolamento clerical da comunidade científica. Tornou-se urgente estudar as diversas modalidades de integração das atividades científicas na sociedade, as quais fazem com que ela seja pouco ou muito finalizada, que ela não fique indiferente às necessidades e às exigências coletivas.”*

*ILYA PRIGONE & ISABELLE STENGERS*

---

A complexidade da crise fica evidente quando descrevemos seus principais aspectos. Porém, toda vez que um desafio dessa ordem se apresenta ao conhecimento humano, uma mobilização de recursos e potenciais acaba sendo empreendida. As diversas esferas de interpenetração dessa crise acionam várias áreas de saber na tentativa, primeiramente, de compreensão da questão: fatores envolvidos, estruturas, funções, dinâmicas, conseqüências, relações com outras áreas de saber etc. Em seguida, tais áreas tendem a se movimentar na direção de uma tarefa mais complexa que é a de encontrar soluções viáveis e exequíveis para o problema. Tendo nosso trabalho um objetivo eminentemente acadêmico, recorreremos a abordagens inseridas em áreas do campo científico, relacionadas com nossa proposta de pesquisa, em busca de uma maior compreensão da crise por que passa nossa sociedade.

Na epistemologia da Ciência, os esforços têm se concentrado no entendimento dessa crise a partir de todo o movimento de repensar os paradigmas científicos tradicionais. Na verdade, esse movimento de questionamento do paradigma tradicional não pode ser atribuído apenas à necessidade de enfrentamento da crise da sociedade contemporânea.

O movimento é também resultante de uma tentativa de reação sistematizada ao que convencionou-se chamar de Crise da Ciência. Não aprofundaremos os aspectos envolvidos nessa crise, já que exigiria trabalho específico que abordasse o tema. Nos ateremos a uma apresentação que contextualize o leitor em relação ao panorama atual dessa crise da Ciência.

### **3. 1 - A CRISE DA CIÊNCIA**

A humanidade tem passado sistematicamente por transformações radicais nas suas estruturas de conhecimento formal. É só lembrarmos dos exemplos históricos de Copérnico, Galileu e Pasteur, por exemplo. Entretanto, a partir das contribuições de Isaac Newton (1642-1727) e de René Descartes (1596-1650), estruturou-se um

---

conjunto de pressupostos e conceitos que formaram o que se convencionou chamar de paradigma<sup>4</sup> newton-cartesiano, que iria determinar a condução de todo o pensamento científico durante um período de tempo bastante significativo.

Somente no Séc. XX é que ocorrerão as maiores transformações desse paradigma newton-cartesiano, com repercussões desde os campos das ciências naturais às sociais. De um dos ramos mais tradicionais das ciências naturais, a Física, tivemos as contribuições decisivas de Max Planck com a estruturação da Física Quântica (1900) e de Albert Einstein com a Teoria da Relatividade (1910) modificando conceitos fundamentais como o tempo, o espaço e a realidade. As repercussões desta renovação de conceitos acaba por determinar uma nova possibilidade de se pensar e explicar o Universo, o Homem e a Vida.

Tais questionamentos e transformações têm levado alguns pensadores de nosso tempo — como John Horgan (1998) — a considerar as dificuldades para o desenvolvimento do conhecimento humano, passando a discutir as fronteiras da Ciência. Na verdade, há uma tendência a um certo pessimismo de alguns desses pensadores no sentido de se sentirem angustiados ante a possibilidade de se chegar a um limite do conhecimento caso o sistema atual não consiga manter-se estável. John Horgan (1998) propõe, com base na opinião desses pensadores contemporâneos, que talvez tenhamos chegado ao fim da Ciência, estruturada em disciplinas com fronteiras rígidas, bem definidas e estanques. Ao final da leitura de sua obra podemos levantar algumas possibilidades de conclusão. A primeira, de que o autor sinaliza para uma ampliação dos limites do conhecimento humano pela in-

---

<sup>4</sup> Estaremos utilizando o termo *paradigma* no entendimento de KHUN: “ Considero ‘paradigmas’ as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.” KHUN, T. — *A Estrutura das Revoluções Científicas* — São Paulo, Ed. Perspectiva, 1987, pág., 25.

trodução de elementos místicos, transcendentais e eminentemente subjetivos na apreensão da realidade, da verdade. De outro modo, podemos entender que esta sinalização nada mais é do que uma forma irônica de legitimar a supremacia da razão como única maneira de dar conta destes questionamentos e, com isso, evidencia a onipotência da Ciência em relação à busca da verdade. Por último, fica a dúvida se ele partilha verdadeiramente desta angústia, desse pessimismo quanto aos destinos do conhecimento científico atual. O mais importante, nos parece, é sua convicção de que a ciência estanque e compartimentalizada em disciplinas não será capaz de dar conta dos desafios que se apresentam ao homem contemporâneo.

A Epistemologia da Ciência tem se proposto estas questões quando considera e procura equacionar a crise da sociedade, sob diversas alternativas de relativização do paradigma newton-cartesiano como forma de buscar as respostas para os problemas, em novos modelos conceituais, mais flexíveis e abrangentes.

### **3. 2 - A INTERDISCIPLINARIDADE COMO RECURSO NOS MEIOS ACADÊMICOS**

A crise social descrita acaba marcando a perplexidade diante do impasse dos esquemas disciplinares que têm pautado a produção do conhecimento, levando a Academia a pensar uma solução a partir da necessidade de superação da forma de organização do pensamento isolado nos limites estreitos de disciplinas. Não se trata, simplesmente, de uma questão de avaliarmos a pertinência ou não das disciplinas, mas a constituição de uma nova forma de organização do conhecimento, através de uma postura **interdisciplinar** ou de suas alternativas principais <sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Discutiremos, mais à frente, a questão da diferença entre as principais alternativas da postura interdisciplinar.

---

O sistema acadêmico está construído sobre uma proposta baseada na idéia de disciplinas. Os cursos de graduação, os programas de pesquisa e a alocação de recursos, acabam obedecendo a estrutura disciplinar rígida. Muitas vezes, o próprio exercício profissional será regulamentado em termos de uma defesa ferrenha de “territórios” conquistados e legitimados socialmente, como nos casos do Direito, da Medicina e da Psicologia, que podem fornecer atestados de conformidade apenas dentro de seu domínio científico exclusivo. Desses fatos resulta uma certa sensação de perda de posições para os profissionais quando estão diante de uma proposta interdisciplinar. A tendência disciplinar prejudica, muitas vezes quase impedindo, o surgimento de novas concepções e modelos nas ciências Humanas e Sociais, fenômeno estreitamente relacionado aos objetivos de nosso trabalho.

Outra barreira enfrentada para um exercício interdisciplinar está na tendência da estrutura disciplinar em valorizar a análise em detrimento das investigações sintéticas. Quando ocorrem trabalhos de orientação sintética são considerados como contaminados filosoficamente ou eminentemente especulativos, colocando-se em dúvida sua legitimidade. Para Faure (1992): “Enquanto síntese e análise continuarem sendo pensadas em termos de exercícios antagonistas, a interdisciplinaridade permanecerá como um esforço de exceção” (Faure, 1992, p. 63).

Ainda uma grande dificuldade na implantação de uma abordagem interdisciplinar reside na diferença metodológica utilizada por cada disciplina. Particularmente quando temos o homem ou as sociedades como objeto de estudo, esbarramos em uma dificuldade de escolha por instrumentos de pesquisa que se adequem às características da observação e recorte teórico, mantendo a discussão sobre a validade dos métodos qualitativos e os quantitativos para esses estudos. Mais uma vez, posições compartimentalizadas que, ao invés de ampliar a possibilidade de compreensão do objeto, acabam por restringí-la.

---

O problema da comunicação entre pesquisadores apresenta-se como um grande desafio ao candidato à interdisciplinaridade. Na verdade, essa dificuldade não reflete um problema de comunicação entre os “indivíduos” pesquisadores mas entre os sistemas conceituais das disciplinas que eles procuram representar. Na Psicossociologia, o problema fica bem claro quando abordarmos noções como Cultura, Sociedade, Indivíduo, Identidade, Representação, Subjetividade etc. pois, conforme o enfoque teórico que se utilize, essas noções poderão oferecer variações, até antagônicas. Há, então, um obstáculo a ser superado na transferência de conceitos de um campo disciplinar para outro, para que o trabalho interdisciplinar seja viável e produtivo.

Conforme o objeto se apresenta amplo e complexo, como por exemplo o comportamento humano, a rede de relações sociais etc., cria-se a necessidade de comunicação entre diferentes formas de saber. A interdisciplinaridade surge como opção positiva na produção de novos conhecimentos, mas trazendo como consequência aspectos negativos como a sensação de perda de identidade das disciplinas envolvidas.

Na interdisciplinaridade, cada disciplina parte de um conjunto de conceitos, noções e percepções específicos e diferentes que podem oferecer múltiplas explicações paralelas. Para que cada disciplina possa realmente interagir com as outras, faz-se necessária uma **permuta de códigos**. Esse o primeiro passo para que as trocas de impressões sobre os objetos isolados possam ser relacionados ou contextualizados. Para evitar os riscos de uma fragmentação desordenada, é fundamental mantermo-nos atentos à necessidade de uma **pluralidade de perspectivas** e de uma **contextualização mais ampla** em relação ao objeto estudado. Aliás, nesse aspecto, o estudo interdisciplinar apresenta uma aproximação impor-

---

tante com a abordagem relacional utilizada contemporaneamente pelas ciências humanas e sociais, uma de nossas referências para o estudo do **individualismo** como veremos posteriormente. Segundo Da Matta:

“Enfim, devo dizer que, visto do coração mesmo da experiência antropológica, a interdisciplinaridade aparece como uma maneira de reintroduzir a totalidade em visões particulares engendradas e estimuladas pela estrutura e organização do moderno processo de pesquisa. Nesse sentido, a perspectiva e orientação pluridisciplinar cuidadosa e bem pensadas podem ser um recurso apropriado (senão necessário) para controlar nossa fascinação pelo individualismo e sua consequência para a ciência: a especialização galopante.” (Da Mata, 1993, p. 53).

No exercício **interdisciplinar**, uma disciplina, ao utilizar os métodos e teorias de uma outra disciplina que lhe faz fronteira em um determinado aspecto, acaba por ver esclarecidos problemas de seu próprio campo que, anteriormente, estavam obscuros. Além disso, promove um diálogo sistemático e interessante para a ampliação da compreensão dos campos que interagem.

A **tensão epistemológica** resultante dessa aproximação é resultante da possibilidade de uma mesma questão estudada poder apresentar múltiplas interpretações, muitas vezes situadas em pólos diferentes e distantes, como a dicotomia natureza x cultura. O desafio está em reduzir essa **tensão epistemológica**, em processo que Amaral (1989) chama de angústia de viver a diversidade.

A solução para o impasse disciplinar, pode estar no movimento de dimensionar abordagens de leitura conjunta dos objetos de estudo por duas ou mais disciplinas, com níveis diferenciados de aproximação e/ou modificação dos pressupostos teóricos e metodológicos. Assim, os movimentos **interdisciplinares** e **transdisciplinares** estabelecem novas formas de relacionamento entre disciplinas que pretendem estudar um mesmo objeto complexo, com evidentes ganhos, de

---

parte a parte, na produção de novos conhecimentos, novas formas de compreensão. Esse movimento está diretamente relacionado à reformulação dos modelos paradigmáticos empreendidos pela Epistemologia.

Neste ponto, parece-nos importante apresentar algumas das principais tendências de conceituação diferencial dos termos que temos apresentado: Multidisciplinaridade, Pluridisciplinaridade, Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade.

Muitos autores têm desenvolvido estudos acerca das diversas formas novas de composição e articulação dos campos teóricos, metodológicos e práticos dos saberes em variadas situações que exigem essa interação como forma de efetivar maior compreensão e atuação na solução dos desafios apresentados. Com isso, alguns desses conceitos acabam se tornando alvo de discussões e de diferentes abordagens gerando dúvidas na sua aplicação. Um dessas propostas de delimitação dos termos encontra-se no trabalho de Vasconcelos (1997) sobre a desinstitucionalização e interdisciplinaridade na área da saúde mental no Brasil. Quando reflete sobre os desafios que o campo da doença mental apresenta à ciência, Vasconcelos defende a necessidade da ampliação do foco de abordagem e a busca do rompimento das delimitações dos saberes tradicionais envolvidos na área da saúde mental. Essa nova recomposição, para ele, sustenta-se em um conjunto de rupturas e novas premissas e não apenas em um novo somatório ou rearranjo simples dos antigos saberes compartimentalizados: “Na minha opinião, não tenho dúvidas de que neste novo paradigma teremos de necessariamente recolocar a questão da interdisciplinaridade, ou mais radicalmente, da transdisciplinaridade.” (Vasconcelos, 1997, p. 23).

---

Vasconcelos apresenta nesta obra uma contribuição para os conceitos e níveis da prática interdisciplinar. Como **multidisciplinaridade** ele chamará a gama de disciplinas propostas simultaneamente, mas sem fazer aparecer as relações existentes entre elas, sendo um sistema de um só nível e de objetivos únicos e não havendo nenhuma cooperação entre as disciplinas. Já a **pluridisciplinaridade** será a justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas. Nesse sistema, de um só nível e de objetivos múltiplos, há cooperação, mas sem coordenação específica.

Para o termo **interdisciplinaridade**, Vasconcelos faz um desdobramento em dois outros. **interdisciplinaridade auxiliar** quando parte da utilização de contribuições de uma ou mais disciplinas para o domínio de uma disciplina específica já existente, que se posiciona como receptora e coordenadora das demais. O sistema apresenta dois níveis e a coordenação e objetivos são hegemônicos pela disciplina encampadora. Como **interdisciplinaridade**, apenas, considera a axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas, definida no nível hierarquicamente superior, introduzindo a noção de finalidade, tendendo (mas não necessariamente) para a criação de um campo de saber autônomo, sendo o sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos. Aqui, a coordenação procede do nível superior, com tendência à horizontalização das relações de poder.

E, finalmente, como **transdisciplinaridade** entenderá a prática onde a coordenação envolve todas as disciplinas e interdisciplinas do campo, sobre a base de uma axiomática geral compartilhada resultando na criação de um campo com autonomia teórica, disciplinar ou operativas próprias. Esses sistemas se caracterizam por níveis e objetivos múltiplos, coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas e uma tendência à horizontalização das relações de poder.

---

A apresentação desses conceitos oferece uma possibilidade de apreensão pragmática eficaz no entendimento e aplicação das práticas interdisciplinares, porém não contempla a complexidade das interações possíveis com outras formas de saber, fora dos limites do saber científico. Diversas visões, como a de Amaral (1992) oferecem espaço para as reflexões e desdobramentos epistemológicos envolvidos nesses movimentos interdisciplinares oferecendo-nos novas formas de compreensão.<sup>6</sup>

Para Amaral (1992), a impossibilidade das ciências estabelecerem a palavra definitiva sobre a verdade, em uma tendência reducionista e excludente dos demais pontos de vista, acabou por gerar uma passagem do discurso da verdade à eficácia transformadora da tecnologia: “A Tecnologia é a resposta que o Ocidente encontrou para seus principais impasses” (Amaral, 1992, p.97). A tentativa reducionista da *realidade do real* à dimensão de *objeto do conhecimento* acabou por afastar a ciência desse real — complexo e múltiplo. A partir da apresentação de um certo percurso do pensamento ocidental que passa pelo pensamento pré-socrático, sofístico, metafísico e, posteriormente, resultando no pensamento científico, Amaral apresenta a possibilidade de uma evolução desse pensamento para uma Genealogia do Múltiplo, a Estratégia Transdisciplinar por excelência, principalmente no plano do saber. Com essa abordagem, os conceitos sobre as relações entre disciplinas constituem um diferencial importante para os desdobramentos do presente trabalho, principalmente no tocante à Transdisciplinaridade:

---

<sup>6</sup> Para uma delimitação do que diferentes autores entendem por pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, remetemos aos números 108 e 113 da *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro Ltda., 1992 e 1993, dedicados à questão da Interdisciplinaridade, em especial aos artigos de FAURE, Guy O., AMARAL, Márcio T., PORTELA, Eduardo e SOMERVILLE, Margareth.

---

**Multidisciplinaridade:** empreendimentos científicos em que diversos especialistas, sem abrirem mão da sua especificidade, concorrem para a descrição de um mesmo objeto sob enfoques variados. Não criam novos objetos mas agregam novos valores, enriquecem o objeto, sem que as ciências participantes saiam alteradas na sua estrutura, métodos e limites.

**Interdisciplinaridade:** experiências em que a colocação do objeto na fronteira de duas ou mais ciências as obriga a somarem esforços para, redefinindo o objeto, criarem uma nova perspectiva científica.

**Transdisciplinaridade:** suas direções estratégicas são, por um lado, o reconhecimento da eficácia e utilidade das ciências e a crítica ao seu objetivismo e reducionismo, à permanente ausência do *sujeito* sobre a qual se constroem; e por outro lado, a ênfase emprestada à natureza possivelmente hiper-complexa do real, de que os métodos simplificadores da ciência não seriam capazes de dar conta.

Como resultado destes movimentos, Amaral observa a crescente semelhança entre o núcleo da ciência e as místicas orientais, aproximando (ou reaproximando!) Ocidente e Oriente, constatação que será utilizada por nós pela consideração da Psicologia Transpessoal que representa uma possibilidade dessa aproximação.

A abordagem de Amaral parece mais atraente para os objetivos de nosso trabalho pois, a partir de uma visão da ciência, permitirá a utilização de outras formas de saber e metodologias, no “diálogo” a que nos propomos sobre um tema tão complexo quanto o da crise da sociedade contemporânea:

“(…) a ‘epistemologia da complexidade’ seria, ou será, uma tentativa de pensar cientificamente, *para além* dos limites das ciências. *Para*

---

*além* significa: na direção de algo mais vital do que a ciência ela mesma. Este algo é o real hiper-complexo. Na base dessa nova epistemologia em gestação, está, portanto, uma pré-compreensão do real como múltiplo” (Amaral, *opus cit.*, p. 105).

Um passo importante dado pelo lado da Academia no sentido de atravessar as fronteiras disciplinares, foi o de reconhecer justamente essa complexidade dos seus objetos de estudo. Cada disciplina isoladamente, poderia apresentar uma leitura específica sobre determinado fenômeno ou objeto, utilizando um rigoroso trabalho de análise que, quanto mais especializado, empobrecia, no entanto, sua apreensão no contexto em que se pode observá-lo. A complexidade dos objetos de estudo e a sua rede de implicações com outros objetos foi amplamente estudada por Latour (1994). Para ele, quando os pensadores ou analistas em geral, recortam as questões de estudo em pequenos compartimentos, desconsideram o que pode ser constatado no dia-a-dia: que cada questão se relaciona com diversas outras que podem ter base em diferentes disciplinas ou saberes. A esses complexos objetos de estudo Latour (1994) chamou de *híbridos*. À forma de relação entre essas dimensões e suas repercussões chamou de *rede*, numa noção mais flexível que a de sistemas, mais histórica que a de estrutura e mais empírica que a de complexidade.

A dificuldade dos estudos dos *híbridos*, segundo Latour (1994), está na tendência a recortá-los em categorias, como natureza ou cultura:

“No entanto, estes trabalhos continuam sendo incompreensíveis porque são recortados em três de acordo com as categorias usuais dos críticos. Ou dizem respeito à natureza, ou à política, ou ao discurso.” (Latour, 1994, p.9).

Os problemas de comunicação entre essas categorias vêm determinando uma série de impasses e distanciamentos da realidade das coisas e dos objetivos do conhecimento, podendo levar a uma situação paradoxal quanto às finalidades da

---

ciência. A possibilidade de se pensarem relações entre as categorias levou Latour (1994) a defender a necessidade de compreender as redes ou tramas:

“(...) as redes são tal como as descrevemos, e atravessam a fronteira entre os grandes feudos da crítica — não sendo nem objetivas, nem sociais, nem efeitos de discurso, sendo ao mesmo tempo reais, e coletivas, e discursivas.” (Latour, *opus cit.*, p.12).

Mesmo tendo como preocupação principal a avaliação dos movimentos da pré-modernidade, modernidade e pós-modernidade, o autor introduz uma reflexão importante para o nosso estudo. Deixemos o próprio Latour (1994) apresentar sua concepção dos dois conjuntos de práticas que caracterizam a Modernidade:

“(...) O primeiro conjunto de práticas cria, por “tradução”, misturas de gêneros de seres completamente novos, híbridos de natureza e cultura. O segundo cria, por “purificação”, duas zonas ontológicas inteiramente distintas, a dos humanos, de um lado, e a dos não-humanos, de outro. (...) O primeiro conjunto corresponde àquilo que chamei de redes, o segundo ao que chamei de crítica.” (Latour, *opus cit.*, p.16).

Latour defende a necessidade de se dividir a atenção, simultaneamente, para o trabalho de “purificação” e de “hibridação”, oscilando entre esses dois pólos de forma a manter suas distinções mas não desconsiderando as suas interconexões. Seu interesse parece residir na compreensão entre os dois processos: a *hibridação* — como um misto de natureza e cultura — e a *purificação* — uma separação total entre natureza e cultura.

Esses pensamentos nos servem na medida que viabilizam uma nova forma de entendimento dos objetos de estudo e dos seres em geral, em especial nas ciências Humanas e Sociais, onde teremos grandes contribuições de uma crescen-

---

te abordagem relacional das categorias. Aqui talvez seja oportuno introduzir um primeiro ponto para nossas reflexões: será que poderemos pensar essas relações entre movimentos de *hibridação* e *purificação* ampliadas para outros saberes, fora do paradigma tradicional?

### **3. 3 - A ABORDAGEM PSICOSSOCIOLÓGICA E A COMPLEXIDADE DOS PROBLEMAS HUMANOS E SOCIAIS**

A mudança na produção do conhecimento científico promovida (a) pela abertura, no campo da Ciência, para questionamento e relativização dos paradigmas científicos e (b) pelas tentativas de aproximação conceitual, metodológica e do conhecimento aplicado, através das abordagens inter e transdisciplinares, tem se refletido em todas as áreas do saber humano. O exercício inter ou transdisciplinar de produção de conhecimento, apesar de complexo, oferece proveitoso resultado na ampliação da compreensão dos objetos de estudo qualquer que seja a especificidade do referencial utilizado, demonstrando maior fecundidade que os modelos tradicionais, isolados dentro de limites exclusivos das disciplinas. É claro que o exercício de lidar com uma outra forma de produção científica pede uma nova postura do pesquisador e do meio acadêmico envolvidos nesse processo.

Nas Ciências Humanas e Sociais, que nos interessam particularmente para os objetivos desse trabalho, observamos uma tendência de ampliação na utilização de modelos multidimensionais, onde o foco da atenção do pesquisador dirige-se para as interdependências e interrelações dos conceitos de diferentes disciplinas podendo, ou não, virem a se transformar em novas disciplinas.

Tal situação configura um desafio para a **Psicossociologia** cujo desenvolvimento e atual crescimento provêm, em grande parte, de uma certa incapacidade

---

tanto da Sociologia quanto da Psicologia, de apresentarem um conjunto de conceituações ou argumentações teóricas satisfatórias para diversos e complexos problemas observados na prática das relações sociais e individuais, do dia-a-dia. Não que a elas — Psicologia e Sociologia — faltasse consistência ou estrutura, quer conceitual, metodológica ou experimental. A grande ressalva que se pode fazer, nesse sentido, é que, sozinhas, apresentam alto nível de distanciamento dos processos interacionais que ocorrem entre seus objetos de estudo específicos. Aí parece residir o campo privilegiado da **Psicossociologia**: a interrelação dos laços interpessoais, as relações entre indivíduos e grupos sociais.

Enquanto a Psicologia privilegia as funções mentais de modo individual ou nas suas repercussões coletivas e a Sociologia, separadamente, se preocupa com a dinâmica das estruturas institucionais e das regulações grupais, a **Psicossociologia** tem sua preocupação voltada para a descrição e a interpretação de uma determinada conduta, individual ou coletiva, em **situação**, isto é, onde a interação entre os objetos pode ser observada (Maisonneuve, 1977).<sup>7</sup>

Esta orientação será nosso ponto de partida para procurar entender a crise da sociedade contemporânea, já que com ela encontramos vários pontos de aproximação. Quando identificamos aspectos da crise como **perdas de certezas, de referenciais, de valores ético-morais e/ou religiosos** estamos nos referindo ao tipo de fenômeno que pode ser visto pela ótica estritamente individual, pelo estudo da participação social ou também pela interação das duas, na situação concreta em que é vivida, num claro exemplo de *objeto híbrido*. Alguns dos demais

---

<sup>7</sup> Existem diferentes abordagens sobre o campo de observação e objeto de estudo da Psicossociologia. Para um aprofundamento desse aspecto o leitor poderá recorrer à obra *Psicossociologia — Análise Social e Intervenção* (LÉVY, André... [et al.] org., 1994) constante na bibliografia desse trabalho.

aspectos levantados na crise como o **isolamento e a fragmentação**, sugerem uma criteriosa investigação dos processos de escolha e decisão, pois representam condutas que podem ser avaliadas pelos seus processos individuais geradores ou como conseqüência dos processos sociais mais amplos. Os estudos relacionais podem ser úteis nesse ponto da reflexão. A **competitividade** é outro aspecto que já sinaliza a participação de componentes econômicos, sociais e individuais na sua descrição e entendimento, justificando, para esse fim uma abordagem interdisciplinar. A **perda de sentido existencial e a angústia** que eventualmente sobrem a ela, pode nos levar a uma avaliação eminentemente psicológica, por estar claramente identificada com um quadro psicopatológico clássico.

Entretanto, no enfoque que procuramos abordar aqui, essa conduta seria reducionista no sentido negativo do termo, já que acarreta um empobrecimento da questão, se não levar em conta os possíveis efeitos de uma cultura baseada em padrões econômicos e sociais associados a um conjunto de valores específicos.

Como podemos ver, para desenvolvermos nossa proposta teremos que estar atentos à característica da **Psicossociologia** como ligação funcional entre os campos de estudo da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia. Assim sendo, enfatizamos um constante exercício de concretude buscando os fenômenos extraídos da observação direta de situações da realidade social e individual, além de um exercício de exaustividade, na medida em que procuramos refletir sob vários ângulos, perspectivas e enfoques, cada questão em estudo, alternando sistematicamente, nosso referencial como observadores, entre as disciplinas que podem oferecer contribuições para a compreensão do problema.

Compartilhamos da posição (Maisonneuve, 1977) que defende a **Psicossociologia** como uma abordagem cujo objeto é específico, mas que não é

autônoma, já que parte de contribuições preliminares das ciências que a compõem. Reconhecemos, com isso, a necessidade de recorrer e utilizar conceitos psicológicos, sociológicos e antropológicos — sem que haja uma preocupação ou intenção em dar primazia a qualquer uma dessas disciplinas — e também a um enfoque mais específico dessa nova abordagem.

Coerentemente com a postura acima defendida, optamos por adotar, prioritariamente, a denominação Abordagem Psicossociológica, para demonstrar a orientação que seguimos no presente trabalho. Nossa opção permite, ainda, a liberdade de acrescentarmos contribuições de outras disciplinas — como a Economia, por exemplo — e/ou outros saberes nessa reflexão sobre a crise da sociedade contemporânea.